

**OS EFEITOS DE SENTIDOS QUE SE CONSTITUEM NO DESLOCAMENTO
DISCURSIVO ENTRE AS PALAVRAS *OPERAÇÃO* E *CHACINA***

...
**THE MEANING EFFECTS CONSTITUTED IN THE DISCURSIVE SHIFT
BETWEEN THE WORDS “*OPERAÇÃO*” (*OPERATION*) AND “*CHACINA*”
(*MASSACRE*)**

Karine Pedroza¹
Sílvia R. Nunes²

Data de recebimento do texto: 28/09/2024

Data de aceite: 17/10/2024

Resumo: Este artigo busca, de acordo com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, analisar os efeitos de sentidos que se constituem no deslocamento discursivo entre as palavras *operação* e *chacina*. Para tanto, tomamos como *corpus* dois materiais que muito nos chamaram a atenção e que muito reverberou na mídia em geral. Trata-se de dois materiais muito significativos, levando em conta a atual conjuntura da política brasileira e a violência que assola o nosso país, que foram publicados nas redes sociais e em sites que, ao reverberarem, deram forma ao discurso produzido pelas mídias, trata-se de uma fotografia postada no Instagram da revista *Metrópoles* sobre o fato ocorrido no dia 06 de maio de 2021, na comunidade *Jacarezinho*, situada na zona norte do Rio de Janeiro-RJ, na qual houve uma ação que culminou na morte de, aproximadamente, 29 pessoas, entre civis e policiais, e a fuga de bandidos e uma entrevista dada pelo vice-presidente Hamilton Mourão, ao jornal R7. Os resultados revelaram os efeitos de sentidos que os materiais selecionados trouxeram consigo, levando em conta seus aspectos de ordem ideológica, política e simbólica.

Palavras-chave: Memória. Mídia. Polícia. Análise de Discurso.

Abstract: Drawing on the theoretical premises of Discourse Analysis, this article examines the meaning effects that emerge from the discursive shift between the words “*operação*” (*operation*) and “*chacina*” (*massacre*). To that end, we selected two materials as our *corpus*, both of which garnered widespread media attention and proved particularly significant given Brazil’s current political climate and pervasive violence. Circulating on social media and various websites, these materials helped shape the discourse produced by the media. The first is a photograph posted on the Instagram account of *Metrópoles* magazine, referring to the events that took place on May 6, 2021, in the *Jacarezinho* community in Rio de Janeiro’s North Zone. These events culminated in the deaths of approximately 29 people—both civilians and police officers—and the flight of suspected criminals. The second is an interview given by Vice President Hamilton Mourão to the R7 news outlet. The findings shed light on the ideological, political, and symbolic dimensions of these discourses, revealing how their respective narratives generate specific meaning effects.

Keywords: Memory. Media. Police. Discourse Analysis.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: pedroza@unemat.br

² Doutora em Linguística pela UNICAMP e Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Programa de Pós-Graduação em Linguística. E-mail: silvianunes@unemat.br

1 Introdução

Nesta pesquisa tomamos como objetivo geral analisar os efeitos de sentidos que se constituem no deslocamento discursivo entre as palavras *operação* e *chacina*. Para tanto, mobilizamos alguns constructos teóricos que constituem a Análise de Discurso, uma vez que esta teoria compreende a língua fazendo sentido, na relação com o sujeito e a história, conforme afirma Orlandi (2007).

Para as análises, constituímos o *corpus* a partir da seleção de dois materiais, a saber: 1) uma fotografia postada no Instagram da revista *Metrópoles* sobre o fato ocorrido no dia 06 de maio de 2021, na comunidade *Jacarezinho*, situada na zona norte do Rio de Janeiro-RJ, na qual houve uma ação que culminou na morte de, aproximadamente, 29 pessoas, entre civis e policiais, e a fuga de bandidos e 2) uma entrevista dada pelo vice-presidente Hamilton Mourão, ao jornal R7. Nestes materiais tomamos como recorte para a análise os escritos na faixa que foi retratada na fotografia os enunciados formulados pela comunidade *Jacarezinho* – NÃO FOI OPERAÇÃO FOI CHACINA! – e o que é enunciado na notícia da revista *Metrópoles* - Jacarezinho: 26 baleados em operação já chegaram mortos a hospitais – que também integra o mesmo post; e o que foi dito na mídia pelo vice-presidente Hamilton Mourão, em uma entrevista ao R7: “Tudo bandido! Entra um policial numa operação normal e leva um tiro na cabeça de cima de uma laje [...]”, neste recorte analisamos o funcionamento e o deslocamento entre as palavra *chacina* e *operação* presentes nos materiais citados.

Para proceder com a análise é imprescindível que tenhamos algumas informações que precederam o fato ocorrido no dia 06 de maio de 2021. Neste caso, devemos ressaltar que a ação policial realizada na comunidade *Jacarezinho* que culminou na morte de, aproximadamente, 29 pessoas se deu depois que o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, suspendeu a realização de operações policiais em comunidade do RJ, durante o período da pandemia da COVID-19, em 05 de junho de 2020. O ministro Fachin é relator da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 365 e estabeleceu que as incursões policiais nas favelas fossem restritas aos casos excepcionais e informadas antecipadamente ao Ministério Público durante o período pandêmico. De acordo com o Ministério Público do Rio de Janeiro, em nota, foram avisados sobre a ação policial logo após o início da operação, às 09h, e a polícia afirma que a operação começou

às 06h, demonstrando incoerência entre as informações e a falta de gerência do Estado e dos responsáveis pelos órgãos que o constitui.

Em linhas gerais, o ocorrido na comunidade *Jacarezinho* só reafirma o que já sabemos e estamos presenciando há um longo período: um governo tendencioso e que busca a todo momento instaurar uma forma de governo autoritário, de censura e controle e o desrespeito à Constituição Federal Brasileira, à dignidade humana e aos direitos humanos.

Partindo destes fatos fundamentados a partir do *corpus* apresentado, somos conduzidos às seguintes indagações: como se dá o funcionamento das formulações *chacina* e *operação* apresentadas no *corpus* para a análise? Como estas formulações produzem sentidos?

Para responder as indagações, consideramos os seguintes objetivos específicos: refletir acerca dos enunciados formulados pela comunidade que foi retratada na fotografia postada pela revista *Metrópoles*, bem como, a manchete elaborada pela revista e a entrevista dada pelo vice-presidente ao jornal R7 e analisar o funcionamento das formulações apresentadas no *corpus* e o deslocamento entre as palavras *operação* e *chacina*, levando em conta os princípios da teoria da Análise de Discurso pecheutiana, que nos permite transcender aquilo que está dito, desconfiar do que está naturalizado e ir além do que está “explícito” em um texto, conduzindo-nos por um processo discursivo no qual está em funcionamento a memória, a ideologia e o silêncio.

2 Princípios Teóricos e Procedimentos Analíticos

A Análise de Discurso (doravante AD) é um campo da linguística que constitui a “linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (Orlandi, 2005, p. 15), tornando “possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (Idem), além de incorporar o político em suas discussões e investigar as várias formas de exercício das práticas discursivas político-ideológicas, isto é, as relações de forças que atuam em uma sociedade.

Segundo Orlandi (2008, p. 269), “para conhecer o funcionamento da linguagem é preciso considerar os ‘processos de produção’ e não meramente os seus ‘produtos’”. Diante disso, a Análise de Discurso trabalha com a forma-sujeito e a forma do sentido que

“são determinadas historicamente em seu processo de constituição” (idem) enfatizando a forma material do sujeito e do sentido e da “materialidade do discurso que é linguística e histórica” (ibidem, p. 272).

O objeto de estudo da AD é o discurso. Trata-se de uma construção social e não individual (Op. cit. 2005, p. 46) no qual “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza um dizer”, ou seja, o indivíduo ao enunciar tem seu discurso marcado por uma posição sujeito, posição esta que se dá mesmo antes desse indivíduo enunciar, pois ao dizer ele já está afetado pela ideologia que determina o seu dizer e diz sobre as suas condições de produção. É a partir das condições de produção que é dada não só o funcionamento da ideologia que atravessa a prática discursiva, mas também conduz à reflexão acerca das posições-sujeito postas em funcionamento.

Por preocupar-se com o sujeito, a história e a língua, a Análise de Discurso se constitui a partir de três campos do saber: a Psicanálise, o Marxismo e a Linguística, pois, é pela Psicanálise que compreendemos “o sujeito na sua opacidade, ou seja, ele não é transparente nem para si mesmo”; é pelo Marxismo que compreendemos a história como materialidade que produz sentido, pois o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente e é pela Linguística que reconhecemos a língua como não-transparente, tendo sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria. São estas formas de materialidade que constituem o centro do conhecimento para cada campo de saber proposto acima, no entanto, isso não significa que a AD seja a junção destes três campos do saber, ela apenas se constitui no seu entremeio.

Conforme citado anteriormente, o discurso é o objeto de estudo da Análise de Discurso, e, segundo Pêcheux (*apud* Orlandi 2005, p. 43), o discurso é “mais que transmissão de informação (mensagem), é efeito de sentido entre (inter)locutores”, em que cada locutor e cada destinatário produz um efeito de sentido por estarem afetados por uma memória discursivas, ou por “aquilo que, numa formação ideológica dada, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2009 [1975], p. 147). Para compreender o discurso pelo viés da AD, há diversas categorias que compõem a teoria. O sujeito, por exemplo, é uma delas.

Segundo Orlandi (2005, p. 43), o sujeito da AD é “um sujeito de linguagem descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afeta. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”, desse modo, tem-se um sujeito que não é

dono do seu dizer, pois antes dele dizer *x*, isto já foi dito por outro sujeito, em algum lugar, em um dado momento da história. Ao dizer, o sujeito é tomado pelo que já foi dito, é atravessado pelo interdiscurso que determina o que ele diz dentro de um processo discursivo que é inscrito novamente no próprio sujeito. Trata-se de uma categoria que desloca e toma como influência a psicanálise lacaniana que, diante disso, o sujeito é visto como inconsciente, que se constitui na relação com o Outro.

De acordo com a definição de Orlandi (2010) o interdiscurso determina a formação discursiva porque é característica da formação discursiva suprimir, forjar a transparência no sentido. A formação discursiva possibilita a rotatividade das palavras, das expressões e principalmente dos sentidos, isso porque o “[...] sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras [...] da mesma formação discursiva” (Pêcheux, 2009, p. 147-148), isso porque existe uma memória de sentidos na relação entre as palavras, expressões, etc. que se repetem, sendo o que Pêcheux (2009) chama de interdiscurso.

Quanto às formações imaginárias, é possível pensa-las junto às condições de produção, pois todo processo discursivo presume a existência de formações imaginárias e junto à formação discursiva, uma vez que ela determina o que o sujeito diz, conforme o lugar social que ocupa, levando em conta as formações ideológicas que determina o que pode e deve ser dito em circunstâncias sócio-históricas e ideológicas diversas. É a partir da formação discursiva que a formação ideológica se estrutura na linguagem, por dispor de um sujeito que não é empírico, mas é atravessado pelo inconsciente, que é interpelado pela ideologia, inscrito na história e que se constitui pela discursividade mútua de acordo com a posição social que pertence/ocupa. Portanto, há uma imbricação entre formações discursivas e ideológicas, pois a ideológica possibilita o efeito de evidência que leva uma palavra, expressão, formulação, a se materializar no discurso e dizer o que dizem e isso se dá mediante a formação discursiva e as condições de produção em que o discurso produzido se inscreve.

3 A Discursividade das Palavras *Operação e Chacina*

Os discursos se constituem em um espaço permeado por repetições, retomadas e deslocamentos que ocorrem formulados pelo funcionamento da memória discursiva, pois é diante do ‘mesmo’ da materialidade da palavra que se abre o jogo da metáfora como

possibilidade de articulação discursiva outra. Um jogo que se sustenta pelo processo ideológico que justifica o que é dito de uma forma e não de outra, o que é interpretado de uma maneira e não de outra e que propõe uma reflexão e não outra.

Quanto aos sentidos, estes são produzidos pelos discursos e também pelo lugar daqueles que os emprega, que se constituem pelas relações de linguagem que são relações de sujeitos e de sentidos que apresentam efeitos múltiplos e variados, por isso, o discurso é efeito de sentido entre locutores, de acordo com Orlandi (2005).

Conforme exposto anteriormente, para as análises tomamos dois materiais que muito nos chamaram a atenção e que muito reverberou na mídia em geral. Trata-se de dois materiais muito significativos, levando em conta a atual conjuntura da política brasileira e a violência que assola o nosso país, que foram publicadas nas redes sociais e em sites que, ao reverberarem, dão forma ao discurso produzido pelas mídias e prendem os discursos no entrelaçado de argumentos (ou se está a favor ou contra), produzindo assim a polarização e o confronto (Orlandi, 2021). Vejamos:

3.1 Chacina ou operação: um deslocamento que possibilitará ao discurso ser sempre outro

Este recorte refere-se a postagem feita sobre o dia 06 de maio de 2021, no Instagram da revista *Metrópoles*, na qual tem-se uma fotografia de uma manifestação que nos leva a entender, pelo contexto, ocorrido na data citada e pela manchete da revista, que se trata dos moradores da comunidade *Jacarezinho*, situada na zona norte do Rio de Janeiro-RJ, na qual houve uma ação policial que culminou na morte de, aproximadamente, 29 pessoas, entre civis e policiais, e a fuga de bandidos. Na fotografia é possível notar um ajuntamento de pessoas que remete a uma manifestação e na primeira fila há três pessoas que, certamente, assim como as outras pessoas, são moradoras da comunidade *Jacarezinho*, e estão segurando uma faixa com a formulação escrita: NÃO FOI OPERAÇÃO FOI CHACINA!. Esta formulação está grafada em letra maiúscula, na cor preta, exceto a palavra chacina que está escrita em vermelho, seguido da única pontuação existente no enunciado, o ponto de exclamação.

Ainda na mesma fotografia, tem-se a manchete da revista *Metrópoles* grafada em preto sobre um fundo branco o seguinte enunciado escrito: Jacarezinho: 26 baleados em operação já chegaram mortos a hospitais. A postagem apresenta um efeito que sugere uma mescla da fotografia dos manifestantes dos moradores da comunidade *Jacarezinho* à

manchete da revista *Metrópoles*. Além disso, há também o material que apresenta os dizeres do vice-presidente, Hamilton Mourão, de uma entrevista dada ao Jornal R7, sobre o que ele denomina de *operação*, na tentativa de justificar o ocorrido e corroborar a ação. A denominação, segundo Costa (2014, p. 40), é “mecanismo ideológico que põe em movimento o processo de significação. É no jogo entre o silenciado, o dito e o dizível que o processo de denominação se inscreve na *política da palavra*, porque, ao se dizer X, silencia Y, Z etc”, este mecanismo ideológico compreende e contribui para a produção de sentidos.

Vejamos:

Figura 01



**Jacarezinho: 26 baleados
em operação já chegaram
mortos a hospitais**

METRÓPOLES

 @metropoles

Fonte: @metropoles <https://www.instagram.com/p/COvkNMEluLV/>

R2: "Tudo bandido! Entra um policial numa operação normal e leva um tiro na cabeça de cima de uma laje. Lamentavelmente, essas quadrilhas do narcotráfico são verdadeiras narcoguerrilhas, têm controle sobre

determinadas áreas e é um problema da cidade do Rio de Janeiro"³ (declarou o militar e vice-presidente Hamilton Mourão, ao chegar para despachar no Palácio do Planalto).

Neste item tomamos para análise os escritos na faixa que foi retratada na fotografia com os enunciados formulados pela comunidade *Jacarezinho – NÃO FOI OPERAÇÃO FOI CHACINA!* – e o que é enunciado pela na manchete da revista *Metrópoles - Jacarezinho: 26 baleados em operação já chegaram mortos a hospitais – ambas integrantes do mesmo post, conforme exposto na figura 01, além do que foi dito na mídia pelo vice-presidente Hamilton Mourão, em uma entrevista dada ao jornal R7 – Tudo bandido! Entra um policial numa operação normal e leva um tiro na cabeça de cima de uma laje [...]*.

Destes materiais extraímos a palavra *chacina* e a palavra *operação* para que possamos compreender o que leva um sujeito a formular uma palavra, ou seja, a dar corpo ao sentidos (Orlandi, 2005, p. 9) e não outra, considerando o processo de desencadeamento pela relação língua, história e ideologia, e qual é o sentido que elas produzem a partir dos lugares e espaços que são formuladas. Assim sendo, para respaldar a análise mobilizamos como constructo teórico da Análise de Discurso a noção de formações discursivas por serem constituídas por espaços onde o discurso e a ideologia se encontram enquanto integrantes de uma dada formação ideológica.

De acordo com a AD, é a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito pelo sujeito a partir do lugar social ao qual ele pertence, porém, por mais que a formação discursiva determine o que o sujeito pode ou deve dizer, no interior deste dizer se manifestam as marcas ideológicas que o constitui. Vale ressaltar que a formação discursiva tem essa relação com o fora, por isso, ela é atravessada pelo pré-construído que faz com que no dizer exista e possua um efeito de *já dito* que sustenta todo o discurso. Nesta direção, o pré-construído é um dos elementos do interdiscurso que é constituído pelo discurso já-dito, é a memória discursiva.

Para a análise temos três formulações que são produzidas de maneira diferentes.

Na figura 01 temos uma postagem com a fotografia da mobilização realizada pela comunidade *Jacarezinho* com a faixa escrita:

“Não foi operação foi chacina!”

³ Fonte: <https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-parabeniza-policia-apos-operacao-no-jacarezinho-10052021>
Acessado em 19 de dez. de 2021.

Mesclada/fundida à formulação dada pela revista *Metrópoles* com a manchete:

“Jacarezinho: 26 baleados em operação já chegaram mortos a hospitais”

Além da postagem da fotografia no Instagram da revista *Metrópoles*, temos também uma entrevista do vice-presidente Mourão dada ao jornal R7 no qual o coronel chama o ocorrido de *operação*.

"Tudo bandido! Entra um policial numa **operação** normal e leva um tiro na cabeça de cima de uma laje. Lamentavelmente, essas quadrilhas do narcotráfico são verdadeiras narcoguerrilhas, têm controle sobre determinadas áreas e é um problema da cidade do Rio de Janeiro"⁴.

A população da comunidade *Jacarezinho*, a manchete da revista *Metrópoles* e o pronunciamento do vice-presidente Mourão denominam o ocorrido de forma distinta, isso acontece porque a memória discursiva atua a partir da noção de interdiscurso, ou seja, a partir daquilo que já foi dito antes em outro lugar, mas também pelas formações ideológicas que as constitui.

A população da comunidade *Jacarezinho* utiliza a palavra *chacina* por ser uma discursividade que mobiliza uma memória que é atravessada por um interdiscurso que constitui os moradores de uma comunidade, vítimas de ações violentas do Estado, historicamente, operadas pela força policial, e também por ter o seu sentido estabilizado no dicionário, dentre outros sentidos, como “3. [Figurado] Grande número de mortes violentas [...]”, conforme exposto no Dicionário Online *Priberam*⁵

cha·ci·na

substantivo feminino

1. Matança e esquarteramento de gado.
2. Carne de porco para curar ou salgar, ou já curada ou salgada.
3. [Figurado] Grande número de mortes violentas. = CARNIFICINA, EX TERMÍNIO, MATANÇA, MASSACRE, MORTICÍNIO

Ou seja, conforme o dicionário, o sentido literal do verbete *chacina* é estabilizado inicialmente como o abatimento e o laceramento de bovino ou a cura e a salga da carne suína, na sequência, o dicionário dispõe de mais um sentido, denominando-o como figurado, demonstrando a ampliação da significação do verbete, sugerindo outros sentidos

⁴ Fonte: Jornal O Globo <https://oglobo.globo.com/rio/tudo-bandido-diz-mourao-sobre-mortos-em-operacao-no-jacarezinho-25007550>, publicado em 07 de maio de 2021. Acessado em 23 de março de 2022.

⁵ DICIONÁRIO ONLINE PRIBERAM "chacina", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/chacina> Acessado em 23 de março de 2022.

que deverão ser considerados a partir das situações e contextos particulares de uso que. Neste caso, será no sentido figurado posto pelo dicionário que consideraremos e que os moradores manifestantes da comunidade *Jacarezinho* também considera o ocorrido. Todavia, mais do que uma relação dicionarizada, a denominação *chacina* torna-se um modo de ressignificar aquilo que o Estado, a política, a mídia chama de *operação*. Isto é, denominar a ação como *chacina* produz como efeito discursivo a ressignificação de *operação*.

Posto isto, o sentido de *chacina* se inscreve na história como uma ação violenta (3. [Figurado] Grande número de mortes violentas = CARNIFICINA, EXTERMÍNIO, MATANÇA, MASSACRE, MORTICÍNIO) que tem seu sentido estabilizado no dicionário e que se materializa, pela repetição, nas comunidades/favelas do RJ. Na situação disponível como *corpus* de análise, a comunidade *Jacarezinho* foi vítima de uma ação policial que toma as comunidades como espaços de confrontos, de extermínio, de matança, de massacre, de morticínio e que repercutiu não só no Brasil, mas em todo o mundo, pela forma brutal em que tudo aconteceu e pela não preservação do local da tragédia, o que dificultou o trabalho da perícia.

Estas ações realizadas pela polícia são muito frequente no Brasil, e, principalmente, nas comunidades e favelas do Rio de Janeiro-RJ.

Vejamos alguns exemplos de ações policiais que repercutiram na mídia e são semelhantes ao ocorrido na comunidade *Jacarezinho*: 1) o ataque à favela de *Vigário Geral*, no Rio de Janeiro, que se deu na madrugada do dia 29 de agosto de 1993 em que cerca de “50 homens encapuzados arrombaram casas e executaram 21 moradores. O grupo de extermínio, formado por policiais, teria assassinado as vítimas em represália à morte de quatro PMs na região. Nenhum dos mortos, porém, tinha envolvimento com o crime”⁶; 2) a chacina ocorrida em 30 de março de 2005 que iniciou na cidade de Nova Iguaçu e se estendeu até Queimados, ambas na baixada Fluminense e que deixou 30 mortos. “Segundo testemunhas, nas duas cidades, os atiradores desceram de um carro e não tinha alvo definido. Entre as vítimas, havia crianças, adolescentes, mulheres e homens”. Por suspeita de envolvimento na chacina, 11 policiais foram presos”⁷; 3) a chacina que aconteceu no dia

⁶ RELEMBRE 10 GRANDES CHACINAS QUE MARCARAM O BRASIL <<https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/chacinas-brasil/chacinas-brasil-03.htm>> Acessado em: 08 de jun. de 2021.

⁷ RELEMBRE 10 GRANDES CHACINAS QUE MARCARAM O BRASIL <<https://www.terra.com.br/noticias/infograficos/chacinas-brasil/chacinas-brasil-07.htm>> Acessado em: 08 de jun. de 2021.

29 de junho de 2009, na favela do *Barbante*, em Inhoaíba, Rio de Janeiro, na qual cinco pessoas foram mortas em casa. “Os assassinatos seriam uma retaliação dos milicianos da ‘Liga da Justiça’. [...] Os cinco corpos nunca foram encontrados, mas a perícia apontou que as vítimas foram assassinadas dentre da residência e, depois, arrastadas para dois veículos [...] Dois meses depois a polícia prendeu sete acusados de envolvimento na chacina, entre eles um sargento, um ex-PM e um ex-guarda municipal” ou 4) a chacina da Candelária, ocorrida na noite de 23 de julho de 1993, próximo à Igreja da Candelária, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, na qual oito jovens foram brutalmente assassinados.

Esses são alguns casos de violência ocorridas em favelas do Rio de Janeiro envolvendo policiais e ex-policiais, sem contar com as violências advindas única e exclusivamente dos traficantes. Diante disso, é notório que as comunidades do Rio de Janeiro dispõe de um interdiscurso (memória) de violência que se dá por parte de policiais, ex-policiais e traficantes e que, na maioria das vezes, atinge civis que não tem nada a ver com as razões que motivaram as ações violentas que se materializa no intradiscurso (realidade). Assim sendo, as favelas/comunidades, além de serem alvos de traficantes, ainda são alvos de um sistema público que deveria ser de segurança e que a todo momento se apresenta e evidencia a sua letalidade policial direcionada a pessoas que vivem nas favelas e comunidade do RJ sem sequer colocar em questão a existência de pessoas inocentes naquele espaço, isso porque, ao invadirem uma favela/comunidade com a autorização do Estado sob a denominação de *operação* e promoverem o extermínio de diversas pessoas dentre elas inocentes, somos conduzidos a considerar que os envolvidos na *operação* não estão preocupados em deter criminosos ou a criminalidade, mas de finalizar a *operação* e cumprir com o que manda e é determinado pelo Estado. Há estudos que apontam a ineficiência das ações policiais em comunidades/favelas da forma que vem sendo feita, se há estatísticas que dizem sobre a ineficiência das operações policiais nas comunidades/favelas, porque fazê-las? Porque não atuar de uma forma em que proteja a população e que de fato se faça jus ao nome “segurança pública” e se puna os criminosos?

Diante do exposto, é notório que as *chacinas* são resultados de ações dos agentes de segurança do Estado que as têm como um recurso autorizado pelo governo como forma de “combater” o crime e a violência, principalmente, neste momento em que a máxima do atual governo é “bandido bom é bandido morto” o que atinge diretamente todos que residem em favelas/comunidades, porque para os órgãos de segurança pública, policiais, governo as pessoas que residem neste local de extrema pobreza são expressamente

consideradas pessoas de má índole, bandido, e que tem envolvimento com a criminalidade, isso porque há um pré-construído que se deu historicamente de que o temido marginal, fonte de todas as apreensões da população é personificado na figura do negro, do pobre, do morador de favela (NEIFF, 2005) e que são marcados “com o selo da diferença, seja ela física (cor, raça, deficiência, etc.) ou ligada a uma pertença de grupo (nacional, étnico, comunitário, religioso, etc.) que se distinguem no seio de um conjunto social ou cultural” (Jodelet, 1998, p. 48), e que passam a ser estimados como motivo de mal-estar ou de ameaça, isto é o reflexo de um país no qual a cor da pele, o *status* financeiro e o local onde mora determina a sua índole e o seu caráter.

Portanto, em linhas gerais, é possível afirmar que a *chacina* é marcada por uma atuação política ineficiente de (in)segurança pública, uma vez que todos que vivem na comunidade são considerados criminosos e por isso é dada a polícia a anuência para a ação violenta da polícia (operação), ou seja, a autorização para matar e aniquilar uma comunidade em detrimento da “segurança pública” e do “cidadão de bem” que não constitui as comunidades/favelas, conforme é possível interpretar levando em conta o pré-construído e o interdiscurso que envolve as comunidade/favelas.

De acordo com a teoria da Análise de Discurso, uma palavra pode produzir diversos sentidos, porém, quem a emprega, sua posição-sujeito, a sua formação discursiva interfere no efeito de sentido que ela produzirá. Diante disso, a partir de agora, chamamos a atenção para a palavra *operação* que também integra os materiais selecionados para as análises, conforme exposto anteriormente, e vejamos como se dá o funcionamento desta palavra nas formulações dispostas nos materiais selecionados.

Ao reportarmos-nos a palavra *operação* é importante frisar que, ao se filiar aos seus sentidos, aquele que a emprega não está apenas a demarcar sua posição-sujeito, a sua formação discursiva e demonstrar o seu lugar histórico-ideológico, mas, por diversas vezes, inconscientemente, está a reforçar uma manobra do Estado utilizada como uma maneira de justificar as mortes de inocentes e de naturalizar a máxima de que todos que vivem na comunidade/favela é “Tudo bandido!” e a *operação* é uma forma de fazer cumprir o que se propõe a segurança pública brasileira, de proteger as pessoas de bem daqueles que vivem na comunidade/favela, protege-las dos criminosos, marcando o discurso da política de Estado de Segurança Pública, que se refere a atualização da memória discursiva, que se dá por meio da reprodução do discurso nestas condições de produção: assassinatos em uma favela do Rio.

Segundo o Dicionário Online *Priberam*, o sentido do verbete *operação*⁸ é estabilizado como

o•pe•ra•ção

(latim *operatio*, *-onis*, trabalho, obra)

substantivo feminino

1. Ato de operar.
2. Obra de um agente ou de um poder.
3. Execução metódica; combinação sistemática.
4. Trabalho do cirurgião no corpo vivo.
5. Efeito de um medicamento.
6. Cálculo.
7. Manobra.
8. Transação.

Ou seja, o sentido dito como literal da palavra *operação*, apresentada no dicionário, se inscreve em um espaço de linguagem que constitui o sentido da palavra em questão como um artifício, uma manobra, um padrão sistemático do Estado ou “de um agente ou de um poder” para “proteger” o cidadão de bem (quem?), mas que considera os envolvidos/vítimas que residem na comunidade *Jacarezinho* como “Tudo bandido!”, conforme exposto pelo vice-presidente Hamilton Mourão⁹ em entrevista ao R7. Ou seja, voltamos a máxima de que, para o atual governo, o cidadão de bem é definido ou por sua cor de pele, ou pelo seu poder aquisitivo, ou por seu *status* financeiro, ou pelo local onde reside, etc., e aquele que não se enquadra nas características de *cidadão de bem* que se constitui no imaginário daqueles que integram os governos e a alta sociedade brasileira, são vistos como marginais e uma ameaça aos seus pares, ou melhor dizendo, são visto como ameaça ao *cidadão de bem*. Por isso, na fala do vice-presidente, os policiais são autorizados a agir e a *operação* é chancelada por um governo autoritário que tem suas bases no militarismo que corrobora com a burguesia, assim sendo, tem-se uma formulação verbal atravessada por uma memória discursiva que o conduz a denominar o ocorrido de *operação* e não de *chacina*.

A mídia, por sua vez, representada pela revista *Metrópoles*, também tem o seu lugar marcado no discurso por um atravessamento discursivo que reflete o modo como uma formação discursiva imaginariamente neutra se inscreve numa formação ideológica igual a que sustenta o dizer do vice-presidente. Ora, que a manchete de uma revista exige certo

⁸ DICIONÁRIO ONLINE PRIBERAM "operação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/opera%C3%A7%C3%A3o> Acessado em 23 de março de 2022.

⁹ Oriundo do Colégio Militar de Porto Alegre, ingressou no Exército Brasileiro em 1972, na Academia Militar das Agulhas Negras em 1975, foi declarado Aspirante a Oficial da Arma de Artilharia e graduado em Ciências Militares. Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-vice-presidencia/biografia-1> Acessado em: 23 de março de 2022.

grau de objetividade isso já sabemos, mas porque a revista usou diretamente *operação* e não *chacina*? Ela apresenta uma fotografia da mobilização dos moradores da favela com a imagem da palavra *chacina*, mas na manchete elaborada optou, conscientemente ou não, pela palavra *operação*. O que está silenciado neste movimento discursivo?

De acordo com Orlandi (2007), o silêncio é um aspecto importante na construção do discurso, pois permite a atribuição de sentidos e significações particulares dos sujeitos em relação a algo. Segundo a autora (2007, p. 13), é comum remeter o silêncio à censura, no entanto, ela afirma que o silêncio é uma construção histórica que se constitui dentro da sociedade a partir de suas tradições, cultura e um contrato social que

chega a nos fazer compreender de modo interessante o que é, por exemplo, a censura, vista aqui por nós não como um dado que tem sua sede na consciência que um indivíduo tem de um sentido (proibido), mas como um fato produzido pela história. Pensada através da noção de silêncio (...), a própria noção de censura se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos. [...] mostra ao mesmo tempo a força corrosiva do silêncio que faz significar em outros lugares o que não ‘vinga’ em um lugar determinado. O sentido não pára: ele muda de caminho (Orlandi, 2007, p. 13).

Reportando-nos ao exposto acima, qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos são consideradas inadequadas e que podem vir atingir sujeitos específicos da sociedade, como governos ou camadas sociais privilegiadas, por exemplo. Perante o exposto, considerando a postagem em análise publicada pela revista *Metrópolis*, é admissível explicar e compreender o efeito discursivo da própria formulação do posto, ou seja, um *post* que permite observar, em sua formulação, a divisão dos sentidos, não em termos de oposição, mas de materialidade afetada pela relação ou jogo entre os sentidos de *operação* e *chacina* no qual: a revista traz uma fotografia da população da comunidade *Jacarezinho* com uma faixa dizendo “NÃO FOI OPERAÇÃO FOI CHACINA! mesclada/fundida a manchete da revista - “Jacarezinho: 26 baleados em operação já chegaram mortos a hospitais” – conforme exposto na figura 01. A princípio, podemos considerar uma tentativa da revista em mostrar a sua imparcialidade, enquanto mídia jornalística, mas se considerarmos o que foi dito anteriormente por Orlandi (2007) será possível perceber que a revista não se coloca como imparcial, mas, como instituição que, possivelmente, toma-se os termos como estratégia, no qual se diz X para não dizer Y.

No entanto, o efeito discursivo produzido permite, pelas condições de produção nas quais o sujeito jornalista também é afetado por coerções, observar que há equívoco na relação operação/chacina. Equívoco no tomado como a inscrição da língua na história.

Sendo assim, por ser a mídia um veículo de grande proporção, acessível a maioria da população não só brasileira, mas mundial, o seu discurso proporciona visibilidade e maior circulação. Assim, ao “optar” pela palavra *operação* e fazer a mescla das imagens e dos discursos, o discurso apresentado na figura 01, inicialmente, poderá levar o seu leitor a produzir sentidos de evidências o sentido favorável a comunidade *Jacarezinho* e desfavorável aos órgãos de segurança pública e de saída ao governo ou poderá levá-lo a produzir o sentido desfavorável a comunidade *Jacarezinho* e favorável a segurança pública e de saída ao governo, pois o silêncio possibilitará ao sujeito “trabalhar sua contradição constitutiva [...] que aceita o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa” (Orlandi, 2007, p. 24). Mas, seria mesmo a revista *Metrópoles* neutra/imparcial como sugere um dos sentidos produzidos pela postagem? É possível ser neutra/imparcial em um espaço de linguagem onde se formula discursivamente a partir do funcionamento da memória, da ideologia e do silêncio?

A revista *Metrópoles*¹⁰, criada em 2015, define seu papel como um veículo de comunicação ágil, com uma linguagem acessível e focada no digital, sua função é “Informar, escutar, interagir, debater, denunciar, diversificar, entreter e prestar serviço à sociedade do Distrito Federal e do país são especialidades do portal”. O dono da revista é o empresário e político, Luiz Estevão, que foi senador da República entre 1999 a 2000 e deputado distrital de 1995 a 1999 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Considerando o seu percurso político, o dono da revista *Metrópoles*, Luiz Estevão, tem um alinhamento político entre centro-direita e a direita. Vale ressaltar que o atual governo tem o seu alinhamento político instável, porém, mais centrado na extrema-direita, demonstrando certo alinhamento político entre ambos, o que pode vir a explicar a manchete elaborada na postagem feita pela revista e a opção pela a palavra *operação*. Assim, a forma como a postagem foi construída pode ser considerada como uma manobra para "atender" o alinhamento editorial, considerando o fato de a notícia ser constituída por outro discurso dá margem para a seguinte leitura: o que está dito em um é negado em outro. Com isso, é importante pensar que os meios de comunicação devem sempre ter suas

¹⁰ Fonte: <https://www.metropoles.com/quem-somos> Acessado em 19 de abril de 2022.

manchetes, notícias, publicações e postagens analisadas e refletidas, antes de serem tomadas como verdades absolutas, pois os discursos são repletos de sentidos e a imparcialidade/neutralidade não existe, mesmo se tratando de um meio de comunicação do qual espera-se imparcialidade/neutralidade, isso porque o “não-um (os muitos sentidos), o efeito do um (o sentido literal) e o (in)definir-se na relação de muitas formações discursivas têm no silêncio o seu ponto de sustentação. Desse modo é que se pode considerar que todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras palavras” (Orlandi, 2007, p. 15). Assim sendo, por mais que a revista nos conduza a um efeito de sentido de imparcialidade/neutralidade diante da manchete sobre o ocorrido na comunidade *Jacarezinho*, levando em conta o que se exige de um veículo de comunicação, conhecendo a revista e seu criador mais a fundo é possível compreender que a imparcialidade/neutralidade inexistente na postagem feita pela *Metrópoles*.

Portanto, diante do exposto, o discurso deve ser tratado não como unidade fechada em si, mas sim na sua incompletude, evidenciando as relações que os discursos e as palavras selecionadas estabelecem entre si e suas formações discursivas e o que está silenciado, pois é a partir do discurso e dos efeitos de sentido que ele produz que o sujeito se manifesta e manifesta o seu lugar histórico-ideológico, dado que é no encontro da materialidade da língua com a materialidade histórica que a ideologia se produz, e o discurso é o lugar deste encontro e onde podemos perceber esta articulação, e também porque as formações discursivas

são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as oposições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores (Orlandi, 2007, p. 21).

Por isso, não basta que consideremos o *corpus* na sua superficialidade, mas na sua materialidade linguística e sócio-histórica como um lugar de presença das relações de forças e de sentidos que representam os confrontos ideológicos e que por esta razão são passíveis de multiplicidade de sentidos.

5 Considerações

Para a análise do *corpus* e do recorte selecionado levamos em consideração a materialidade da linguagem selecionada, a sua não-transparência, a sua não-evidência, a sua opacidade e a sua incompletude. Sob a luz da teoria da Análise de Discurso foi possível compreender os efeitos de sentidos que os materiais selecionados produzem em dadas condições de produção, levando em conta seus aspectos de ordem ideológica, política e simbólica.

Para entender as especificidades do sentido nos enunciados em cada formação discursiva, levando em conta sua importância para análise e para a compreensão dos efeitos de sentidos, consideramos o pré-construído que permeia o material e o recorte, ou melhor dizendo, consideramos aquilo que foi dito antes, em outro lugar e que se materializa no interdiscurso do *corpus* em análise.

Com isso, compreendemos que tanto os moradores manifestantes da comunidade *Jacarezinho* que denominam o ocorrido de *chacina*, quanto a manchete da revista *Metrópolis* e a entrevista do vice-presidente ao R7 que denominam o ocorrido de *operação* o fazem porque mobilizam uma memória, um interdiscurso que os constitui e determina o que pode e deve ser dito, reinscrevendo-o nas formulações. Logo, o deslocamento de uma palavra para outra, na postagem, se dá porque é no interdiscurso que as palavras apropriadas pelo sujeito do discurso se articulam e constituem uma formação discursiva específica para cada sujeito.

A produção de sentidos e o funcionamento discursivo se configuram mediante as formações discursivas que determinam cada sujeito, assim, para compreender o processo de produção de sentido e o funcionamento discursivo dos enunciados analisados foi imprescindível que as identifiquemos, assim, tivemos duas FDs 1) *chacina* e 2) *operação*, sendo que na FD 2/*operação* há duas posição-sujeito: 1) da revista e 2) do vice presidente, ambas inscritas no mesmo sentido de *Operação*. Com a configuração das formações discursivas estabelecidas, podemos compreender que o funcionamento das formulações *chacina* e *operação* produzem um efeito de sentido que se contradizem e estão em lugares contrários pela carga discursiva que cada palavra carrega, mas, também, pela formação discursiva e ideológica que constitui aqueles que as emprega. Ou seja, trata-se de formulações que se encontram temporal e cronologicamente em situações sócio-históricas semelhantes, mas, que são atravessadas por uma memória discursiva distinta daquele que

as determina e as coloca em lugares opostos. Isso faz com que aquele que acredita que o que aconteceu na comunidade *Jacarezinho* tenha sido uma *chacina* fique impedido de denominar a ação da polícia de *operação* e vice-versa, já que, ao “optar” por *chacina* ou *operação* o silêncio se instala como aquilo que deixou de ser dito e é este silêncio que possibilita a inconstância dos sentidos.

Nesta dinâmica, o silêncio define e abrange as lacunas do discurso para que se instale significados a partir daquilo que não foi dito, é por isso que um dos sentidos possíveis, por exemplo, se dá a partir da forma que a postagem feita pela revista *Metrópoles* foi construída, se apresentando como uma maneira cuidadosa (ou não) de demonstrar ao seu leitor a imparcialidade/neutralidade que se espera dela enquanto veículo de comunicação, enquanto mídia.

Dessa maneira, os moradores manifestantes da comunidade *Jacarezinho* ao “optar” pela palavra *chacina* para denunciar o ocorrido no dia 06 de maio de 2021, nega aquilo que é posto pela revista *Metrópoles* e pelo vice-presidente, de que se tratou de uma *operação*. Nessa linha, o mesmo ocorre com a revista e o vice-presidente que ao “optar” pela palavra *operação* para justificar o ocorrido na comunidade *Jacarezinho* em prol da segurança pública, nega o que é enunciado pelos afetados diretamente, nega o que é enunciado pelos moradores manifestantes da comunidade, nega o fato, isso acontece por ser o silêncio uma construção histórica que se dá dentro da sociedade, que é constituída enquanto tradições, cultura e o contrato social, conforme afirma (Orlandi, 2007).

6 Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Trad. Joaquim José de M. Ramos. Portugal: Ed. Presença, Brasil, 1974.

BIZIAK, J. dos Santos; PEREIRA, F.; RESENDE, S. M. **Rede de afetos em discurso: uma homenagem a Mônica Zoppi-Fontana**. Pontes Editora, 1ª ed., Campinas-SP, 2021.

COSTA, Greciely Cristina. **Sentidos de milícia: entre a lei e o crime**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

JODELET, D. **A alteridade como processo e produto psicossocial**. A. Arruda (Org.), Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ORLANDI, Eni P. **Do sujeito na história e no simbólico**. Escritos n° 4. Campinas, SP: Laboratório de Estudos Urbanos – Nudecri, maio, 1999.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6ª edição, Editora da UNICAMP, Campinas, SP, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso.** In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. Discurso e Textualidade. 2. ed. Campinas- SP: Pontes, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** 4ª edição, Pontes Editora, Campinas, SP, 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

NAIFF, L. A. M.; NAIFF, D. G. M. **A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? representações sociais em tempos de violência.** In.: Estudos e Pesquisas em Psicologia-UERJ, RJ, ano 5, N.2, 2005.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso.** In: GADET, F; HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. São Paulo: Unicamp, p.61-162 (ed. consultada: 1997), 1969.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975).** In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas - São Paulo: Unicamp, 1993, p.163-254.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

SANTOS, A. C.; RODRIGUES, S. G. C. **Discurso jornalístico e a suporta imparcialidade: os modos de apropriação do discurso de outrem como indicativos de posicionamentos ideológicos.** Alfa, São Paulo, v. 61, n.3, 2017.

TOLEDO, C. N. de; **1964: O golpe contra as reformas e a democracia.** In.: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, nº 47, p.13-28, 2004.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.